

#### SUMMARIO

Texto:—Chronica, por Walter.—Os portuguezes na Africa e o nosse consul em Naveasile, por Pinheiro Chagas.—A estrangeira, conto, imit. de Guiomar Torrezão.—O filho do conspirador, conti-

nuação, por Alberto Pinentel. — As estrellas, conto, trad. de Vidigal Salgado. — As nossas gravuras. — Em familia (passa-tempos). — A rir. — Um conselho por semana. — A dama solitaria, conto, trad. de Oscar Ney.

Gravuras: — Romulo assassinando Remo.—Mignel Martins Dantas.—Brinde do «Atrevido na Côrte».—Morte de Caio Graccho, episodio da «Historia Romana».—Urna de marmore.



### CHRONICA

Lisboa, a cidade de marmore, na phrase opulentissima de Alexandre Herculano, está transformada em cidade de barro, tal é a quantidade d'elle com que topamos ao voltar de cada esquina, e, vergonha é dizel-o, até na Avenida da Liberdade.

Com effeito, n'esta rainha do Atlantico ha liberdade para

tudo.

A edade media teve os seus barões omnipotentes; nós temos as companhias poderosas. A um senhor, succedeu outro; e até para a semelhança ser mais característica, vão construir-se castellos—exemplo: a gare central no largo de Camões.

Qualquer dia apparecem os trovadores; somente, não cantarão os olhos azues e as tranças de Fornarina das castellas de

belleza quasi ideal, mas sim o dio del or...

Em quanto isso não for um facto, vamos sempre frequentando S. Carlos, onde a poesia, o canto e o amor se refugiaram,

espantados pelo affrontoso prosaismo da epoca.

Invoquemos a figura sympathica do Freitas Jacome, o José Carlos *Pocta*, um dos da velha guarda, que ousou escrever sobre o seu fauteuil a phrase lendaria: a velha guarda morre, mas não se rende!

E cumpriu, durante cincoenta annos, a sua palavra.

Exemplo altivo de coragem dilettantista, confusão e vergonha eterna dos fracos, que emigram nos americanos para o thea-

tro da Avenida, ou antes para a caixa ...

E não é porque em S. Carlos não haja a Van-Zandt, que fez prodigios na Mignon, e fará assombro na Lakmé; não é que falte a prima-dona Pasqua, que prende a gente na Aida e nos sensibilisará nos Montecchios. O motivo é a versatilidade humana, para explicar a qual não basta esta modesta chronica, e seriam precisos todos os livros do philosopho Balmés.

Felizmente para o velho templo da arte, a empresa do Colyseu não maudou vir também uma companhia de operetta.

Seria então uma debandada geral, tanto do theatro lyrico come do de S. Bento. N'um e n'outro, os fauteuils ficariam vazios.

Bem sabemos o que nos vão dizer os nossos leitores mais maniciosos:—que o illustre presidente do conselho se arrojaria a despezas loucas, para combater essa fatal tendencia do seu publico parlamentar, abiscoitando-o e enchendo-o de chá nas suas salas; mas isso seria a ruina dos cofres publicos ou de s. ex.\*

Por tal preço, até o proprio Catão, se resuscitasse, arruma-

ria o punhal na gaveta, e preferiria um syndicato.

Façamos pois votos para que os profundos legisladores do paiz não ouçam sequer um couplet da Madame Angot ou da

tiirofle Girofla.

Comprehende se o enorme perigo que ameaçaria a patria, se elles, que compulsam n'este momento todos os jornaes de modas, desde o baixo imperio... das Tulherias, até às pretendidas dissipações da Ajuda, podessem errar nos calculos do preço de uma capota, de uma saia Pompadour, de um avental de rendas ou de um leque.

() que diria a posteridade?

Quem forneceria aos librettistas do futuro, o assumpto delicioso para as suas operas comicas?

Ceus! trememos só de o pensar!

E' um facto, senhores, que a futura sessão parlamentar semelhar-se-ha mais a uma succursal do alfaiate Worms ou dos srs. Jaluzot & C.\*, do *Printemps*, do que ao augusto sanctuario das leis, como se dizia em 1840, e ainda hoje o repetem os jornaes da provincia.

No ministerio da guerra, trabalha-se denodamente na refor-

ma dos uniformes.

Nos outros ministerios, assustados, os venerandos directores gereca, por não saberem a qual sema padidas ao estadem seus cabellos, por descusão, ou absoluta falta de Jena-

com uns can-cans de palacio... que encontram o desdem d'esse mesmo povo, cujos interesses fingem advogar.

Os illustres deputados, assim habilitados com um curso de de costureiros, esterão aptos para talhar ou confeccionar os mais deslumbrantes e pittorescos costumes de bailes de mascaras, o que, em verdade, não é para desprezar.

Lucrará com isso a Trindade, D. Maria, S. Carlos, os salões

do conde A. e do marquez B., etc, etc.

A scason vae ser pois de uma folia enorme, deslumbradora; e so faltará a tuna conimbricense, a crual tuna, que não se dignou visitar-nos, como se na capital se houvesse extinguido o fogo academico.

Chegamos a ter inveja do Porto, com a sua tuna regular por anno; e scismamos no empenho a que será necessario recorrer para que os alegres e generosos rapazes da tuna portugueza se

dignem visitar-nos.

E' verdade que a via publica, transformada em vallas mortaes por essa horrorosa companhia do gaz, que ahi escarnece das nossas costellas, de mãos dadas com os artistas de avental, não offerece muita segurança nem a amplidão precisa para uma larga fila de bandurras; mas um boccadinho de boa vontade e de camaradagem, suppriria tudo.

Lisboa, a Mecca almejada de todos os bachareis, já que lhes colhe a rhetorica, tem o direito de lhes ouvir o bandolim.

A Lisboa que se commoveu profundamente com a prematura morte do gentil poeta Antonio Fogaça, e que teve lagrimas para a sua memoria querida, também teria sorrisos e bravos para os seus condiscipulos e amigos.

WALTER

# Os Portuguezes na Africa e o nosso consul em Newcastle

O Daily-Chronicle, jornal que se publica em Inglaterra, inserio no mez passado uma serie de artigos, que nos interessam profundamente, e que nos encheram, como portuguezes, de um legitimo orgulho. Intitulam-se esses artigos Os Portuguezes na Africa, e o artigo que abre a serie é uma diatribe contra nos, assignada pelas iniciaes J. M.

Logo depois, porém appareciam no mesmojornal, em tres numeros successivos, tres artigos escriptos no mais correcto inglez, e assignados pelo nosso consul em Newcastle, o sr. Batalha Reis, que refutavam do modo mais cabal e completo as ac-

cusações de J. M.

Não tem muitos imitadores este exemplo dado pelo sr. Batalha Reis, e não ha seguramente consul portuguez que tenha sabido desempenhar de um modo tão notavel a sua missão de representante do paiz, defendendo os nossos interesses e a nossa reputação com uma energia e uma sensatez que são verdadeiramente extraordinarias, e que, assegurando ao nosso consul em Newcastle uma alta consideração na sociedade em que vive, concorrem de um modo importantissimo para manter o bom nome e a justa reputação do nosso paiz.

Começando a sua refutação, diz acertadissimamente o sr.

Batalha Reis:

«lla muitos annos que, em Inglaterra, viajantes, geographos e artistas teem publicado os mais severos ataques contra Portugal, a que não responderam Portuguezes, ou não fóram as suas respostas conhecidas na luglaterra. D'aqui resultaram duas consequencias. Em primeiro logar formou-se a opinião publica simplesmente sobre accurações que formo constante da irrespondente sobre accurações que formo constante da irrespondente de la constante de la

大學在一個人的人們也不知道不知道不知道不知人的人們有一個人的人們也可以可以可以不知道不知

glaterra é tão desconsiderado, que esse desafio, inspirado aliás pelos mais nobres sentimentos, pareceu apenas uma vã bravata, a que Jacob Bright nem se dignou responder, procedimento que foi plenamente approvado pelos seus amigos, collegas e compatriotas e que em nada o rebaixou aos seus olhos. Melhor teria sido se o sr. Jacob Bright tivesse sido refutado cathegoricamente, como o poderia ter sido, com documentos incontestaveis.

Este ultimo systema é o que o sr. Batalha Reis tem seguido por mais de uma vez, e tem-lhe isso dado sempre excellente resultado. O duello á penna, que teve agora com o sr. J. M., foi tão feliz para elle, que o seu adversario recuou immediatamente. A quantas calumnias, a quantas accusações aviltantes e injustas teriamos escapado, se houvesse em muitos pontos representantes de Portugal como o sr. Batalha Reis! Pois não é porque faltem escriptores no corpo consular portuguez; mas poucos são os que se occupam com estes assumptos.

Sigâmos a brithante resposta dada pelo sr. Batalha Reis ás

accusações do nosso adversario.

Começára o sr. J. M. por dizer que nos dirigiramos um ataque injustificavel contra a babia de Tungue, territorio perten-

cente ao sultão de Zanzibar.

O sr. Batalha Reis ensina-lhe caridosamente que o dominio portuguez já existia em 1510 no Cabo Delgado, que fica ainda ao norte da bahia de Tungue; que em 1765 ali tremulava a bandeira portugueza e reconheciam os scheiks arabes o nosso dominio; que esse dominio era reconhecido pela Inglaterra no tratado de 28 de julho de 1817; que em 1852 o Scheik de Tungue participou ao governo portuguez, como áquelle de quem dependia, os actos irregulares que estavam sendo praticados na costa por um navio francez.

Enumera emfim o procedimento irregularissimo dos officiaes do sultão de Zanzibar; os protestos successivos dos governadores Pinto de Magalhães, Tavares de Almeida, Francisco Maria da Cunha, visconde de Paço d'Arcos; e os constantes subterfugios a que recorrera o sultão para se esquivar a fazer justiça ás nossas reclamações; e mostra, como emfim, depois de longos annos de tentativas, de paciencia, de contemplações, fomos obrigados a recorrer á força para tomar posse do que nos pertencia, do que nos cra reconhecido por todas as potencias

europeas.

Dizia inda o sr. J. M. que no ataque a Tungue o nosso bombardeamento causára a morte de mulheres e de creanças, e Batalha Reis mostra-lhe serenamente com os factos que ninguem morrera, e que, se alguma coisa tiveram que soffrer com o bombardeamento alguns estrangeiros, foi simplesmente porque se recusaram, apezar de todos os avisos, offerecimentos e intimações dos portuguezes, a sairem da terra que nos iamos bombardear.

A segunda carta escripta por Batalha Reis é a mais brilhante da sua serie. Dissera o sr. J. M. que fora Livingstone quem descobrira o cabo Nyassa; e Batalha deis, depois de manifestar a sua admiração pelo grande viajante escocez, mostra exactamente com as cartas de Livingstone que fora elle proprio quem reconhecera que os Portuguezes conheciam o lago Nyassa muito antes d'elles o ter visto. Nos seus Missionary Travel and Rescarches in the South Africa, diz Livingstone que estando em Tete, soubera do portuguez Candido Costa Cardoso que visitára esse lago a que os indigenas chamavam Nyanga e que devia ser o Marave dos geographos. Ora esse Marave e o lago do que os jesuitas portuguezes dão conta nas suas Castas annuas de 1627, e que o proprio Livingstone affirma que os jesuitas quizeram explorar commercialmente.

E, depois d'estas citações esmagadoras, cita Batalha Reis o nome dos numerosos portuguezes que visitaram o lago Nyassa.

Dizia o mesmo J. M. que os primeiros visitantes portuguezes que tivera o Nyassa, tinham sido os exploradores Serpa Pinto e Cardoso, e que estes nada poderiam ter feito se não fosse o auxilio das missões da Escossia.

A parte d'essa accusação já Batalha Reis respondera antecedentemente, mas com relação eo famoso auxilio dado pelas missões escolacion a Cardon, a sua resposta ée sampedora. Mostra tal chefe preto appareceu logo, intimando-o tambem para que saisse do terreno que era d'elle;

Que os missionarios andavam a espalhar que elle comprava escravas no caminho;

Que nenhum dos missionarios o visitou.

Para contrastar com esta narrativa, cita Batalha Reis o trecho de uma carta de Livingstone, em que agradece penhoradissimo o modo hospitaleiro e carinhoso como foi recebido em Tete pelos portuguezes. O contraste é frisante, e é delicioso o tom humoristico com que Batalha Reis se refere ao seu adversario J. M. (19, Lily-Crescent) depois de o ter perfeitamente esmagado debaixo do peso dos factos.

Na sua terceira e ultima carta mostra o snr. Batalha Reis a J. M. da ignorancia profunda que elle manifesta, suppondo que nós bascamos ainda os nossos direitos sobre Moçambique na bulla famosa de Alexandre VI, e em que declara que os Portuguezes não fizeram senão explorar a costa de Moçambique. Zumbo, rergunta Batalha Reis, a 500 milhas do Occeano, tambem faz parte da costa? E quando elle falla da falta de occupação effectiva para mostrar que não temos direito aos territorios que reclamamos, pergunta-lhé Batalha Reis se o Estado livre do Congo occupa effectivamente o territorio que lhe reconheceram, e se o mesmo fazem a Allemanha e a Inglaterra. Possuimos, diz J. M., aquelle territorio ha 400 annos sem fazermos cousa alguma, e Batalha Reis, depois de mostrar como isto é inexacto, também mostra o que ha de absurdo em comparar a colonia portugueza de Moçambique com o Cabo e o Natal, sem attender ás differenças do clima, tão propicio à colonisação na Africa do Sul, e tão adverso na Oriental.

Falla J. M. na impossibilidade que temos de manter o nosso dominio sobre os pretos, alludindo ás perturbações da Zambezia: e Batalha Reis nota-lhe logo que é curioso como tanta importancia liga J. M. ás revoltas de uns regulositos do Zambeze, e tão pouca á famosa guerra dos Zulus, que tanto preoccupa a luglaterra, e que mostra bem como a influencia da grande na-

ção européa é insignificante sobre os pretos.

Repellindo a accusação de J. M. relativa ao trafico da escravatura que elle diz que fazemos, cita-lhe ainda a recente e tragica morte de Simeão de Oliveira, que falleceu n'um combate contra os negreiros, victima da sua dedicação a essa causa tão

essencialmente européa.

Imaginamos bem a profunda surpresa que J. M. devia ter sentido quando visse apparecer nos jornaes inglezes, escripta na sua propria lingua, tão prompta e tão fulminante resposta. Estão costumados os escriptores inglezes a dizerem a nosso respeito tudo o que lhes parece, e a dizerem-n'o tão impunemente como se fallassem dos selvagens da Oceania. Esta subita apparição, na liça, de um paladino armado de ponto em branco, manejando admiravelmente a lingua ingleza, devia ser para elle um facto verdadeiramente extraordianario, e produzir-lhe-hia a impressão que sentiria se visse de repente na Nova-Zelandia um indigena fazer-lhe uma dissertação em inglez sobre a política de Westminster.

Nos é que vivamente felicitamos o nosso brilhante consul em Newcastle pel exito da campanha patriotica que tão nobremente emprehendeu.

PINHEIRO CH GAS.

# A ESTRANGEIRA

(IMITAÇÃO)

O cemiterio da aldeia de \*\*\* defronta com o mar largo, batido do sol no zenith.

Ao raiar da madrugada, o campo dos mortos resplandece, e ao cair da tarde, quando o borisonte parece recuar e afastarse, embrulhado no arminho das nuvens, o cemiterio e sempre E' essa para os pobres mortos a boa estação, por isso que sentem passar a seu lado aquelles que os conheceram e amaram.

No verão, deixam-os sós: sob a reverberação do sol a azinhaga despovoa-se, o cemiterio adormece; no ar quente como o bafo de um forno, zumbem as moscas e as cigarras, escondidas nos tumulos, e do mar faiscante e calmo sóbe para o azul uma cantiga de pescador.

E' então que me agradam os cemiterios; gosto de vel-os á

hora em que o sol irradia.

Conhecia o coveiro; é um excellente velho, que vio nascer e

morrer um sem numero de pessoas.

Vive alli e considera-se feliz, ao sentir-se mais perto dos mortos que dos vivos. Tem já marcada a sepultura, no alto de um comoro d'onde poderá dominar as outras e continuar a vigial-as.

Sempre que vou á aldeia, procuro o coveiro e conversamos. Elle não deixa nunca de fazer-me notar as mudanças: são

frequentes as mudanças nos cemiterios.

Tumules revolvidos de fresco, mortos recentes, com a sua legenda, mais ou menos interessante, terminando, invariavelmente, no mesmo epilogo: Moços e velhos, ricos e humildes, confundindo-se debaixo da terra ou debaixo do marmore, nivelados pela banalidade do epitaphio: Ao methor dos esposos — Ao modelo das esposas—Ao meu querido tio— Ao meu adorado filho.

A morte é a razoira implacavel,, a grande esponja que apaga os defeitos e os vicios! O céu, maravilhado, recebe sem pro-

testo o aroma de todas essas virtudes posthumas.

Entre a agglomeração dos tumulos, distinguem-se, á primeira vista, os mais ornamentados, aquelles que encerram as cinzas de filhos cujas mães ainda vivem.

As mães são as unicas affeições que nunca se desmentem

e que sobrevivem à propria morte.

O coveiro, alludia frequentes vezes a uma pobre mãe, mui-

to idosa, visita assidua do cemiterio.

Tivera um filho, que fora um malvado; depois de gastar-lhe até ao ultimo real, batia-lhe. A sua sepultura, cheia de flóres, ficava á direita do cemiterio.

Todos os domingos, depois da missa, a velha trazia-lhe um

ramalhete colhido de fresco.

O' queridas mães, que Deus nos perserve de perder-vos! Esta, ajoelhava sobre a terra humida, rezava durante alguns minutos, depunha o ramo e afastava-se lentamente, como uma sombra que se apaga...

Havia um anno que não visitava o cemiterio da minha obscura aldeia.

Ao transpor-lhe o limiar, por uma bella manhà do mez de junho, impregnada do perfume das rosas e lavada da acre respiração das ondas, notei um tumulo novo, de uma simplicidade profundamente artistica, envolvido em um vago encanto simultaneamente melancolico e suave.

Sem fallar, sem mesmo interogar o coveiro, parei absorta,

fitando-o demoradamente...

Era uma lousa de marmore branco, sobre a qual se erguia uma columna, segurando uma urna quebrada onde bebiam tres pequeninas pombas. No pedestal lia-se um nome, acompanhado da designação: Vinte annos, Amsterdam, e na parte superior resaltavam, gravados em bronze, os dois versiculos do Ecclesiaste:

Ella não roltará para mim, Mas eu irei para ella!...

Assim, friamente descripto, este tumulo não significa cousa alguma; mas perdido alli, no campo do repouso, adormecido na quietação da aldeia e embalado pelo rythmo mysterioso do mar, esse nome, essa idade juvenil, essa nacionalidade longiqua e esse epitaphio, carinhoso como um juramento d'amor, transmittiu-me uma impressão, simultaneamente doce e cruel...

Nos ferros da grado que rodeiava o tantalo, enreceava-se

esse epitaphio. Lembra se d'aquella menina loira, muito bonita, muito magra, que vinha todos os annos passar um mez à aldeia? Acompanhava-a um rapaz alto, que diziam ser seu irmão, e que nunca a deixava... Era o noivo.

Recordei-me, com effeito, da pessoa, conhecida na aldeia

pela designação da estrangeira.

Rezidia em um chalet, situado á entrada da povoação.

Contava-se que a infeliz menina soffria do peito e que por esse motivo vinha todas as primaveras aspirar as emanações do pinhal. Vira-a algumas vezes á janella embuscada em trepadeiras, onde a sua poetica cabeça loira se ninbava docemente, como a cabeça de um anjo de Guido recortando-se em um luminoso fundo de oiro e azul. A seu lado, contemplando a, envolvendo-a em um longo olhar affectuoso, tentando aquecer-lhe as mãos franzinas, attraira-me a attenção um rapaz elegante e distincto, que parecia morrer de angustia na lenta agonia d'essa existencia que se esvaia. Por vezes, encontrara-os na estrada, onde o pallido busto da doente, reclinado sobre as almofadas da carruagem, quasi desapparecia em um engaste de pelles.

—Faz agora tres annos que deu a alma a Deus, observou o coveiro; desde então, recebo todos os semestres uma carta d'Amsterdam, com uma ordem á vista, que me é paga pelo fi-

dalgo dos Myrtaes.

E' o dinheiro para as flòres. Recommenda-me na carta que sejam das mais bonitas e das mais caras. Ila tempo, mandou-me dizer que tencionava vir à aldeia.

Mezes depois, voltei á aldeia e não me esqueci de la fazer a minha habitual visita ao cemiterio.

Logo que avistei o coveiro, perguntei-lhe pela hollandeza das flòres.

—Historias!... acudiu o cove ro, accendendo um cigarro. Desde a ultima vez que aqui esteve, nunca mais recebi nem dinheiro nem cartas.

-Talvez o homem morresse, lembrei.

-Qual!... Esqueceu-se, como os outros. Casou-se. Não

admira. O contrario é que me dava no gôto.

Fomos ambos ver o tumulo, que alvejava ao sol, erguendo-se como um lyrio branco no meio de uma montanha de rosas e lilazes.

-Então, estas flores? interroguei surprehendida.

—Que quer? volveu o coveiro, encolhendo os hombros, fui eu que as paguei. Ilabituei-me. Tomei amisade a defunta. Coitadita!... não tem familia, não tem ninguem!... Docu-me deixal a para ahi sem uma unica flor...

Se é verdade, accrescentou o bom velho, puxando pelo pigarro para esconder a commoção, se é verdade que o homem esticou a canella, ella deve saber, porque é provavel que por lá

se encontrassem.

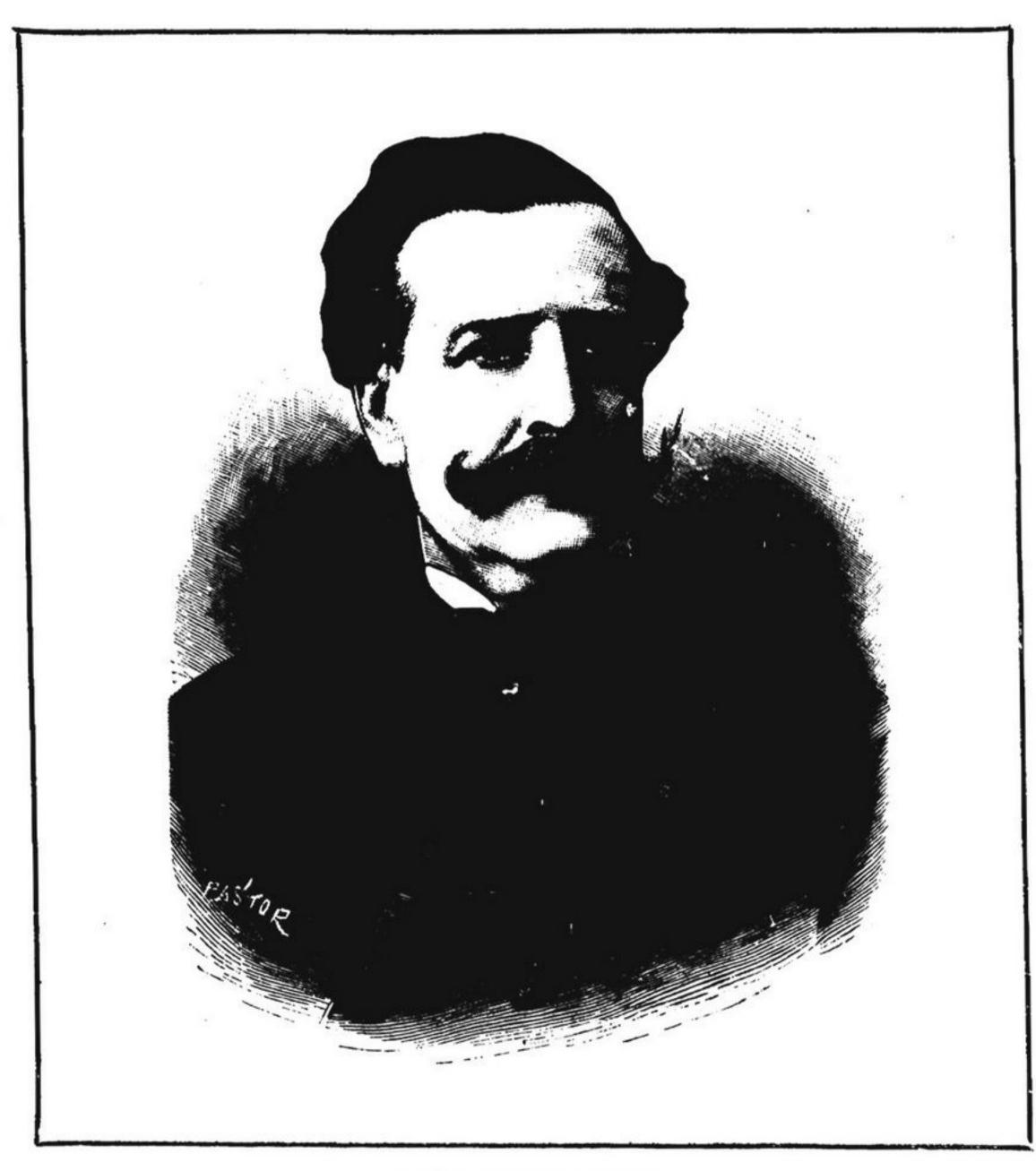
-E se por acaso casou e se esqueceu da desventurada sua noiva?...

—Se, effectivamente, se esqueceu, é melhor que ella o ignore!...

GUIOMAR TORREZÃO.

# O FILHO DO CONSPIRADOR

E depois, até ao fim do dia, Alvaro Rodrigues nunca mais pudera furtar-se a uma preoccupação dolorosa. As palavras do companheiro, testemunhando a mesma apprehensão a respeito do homem que acompanhava a filha de mestre Diogo, invadiramble o coração do presentimentos sombrios, de sobresultos mis-



MIGUEL MARTINS DANTAS

Alvaro Rodrigues viu à janella a filha mais nova do alfageme. Logo a reconheceu. Ella reconheceu-o tambem, porque chamou para dentro: «Izabel! Izabel»!

E logo a figura graciosa da irmã assomou ao peitoril n'uma

grande irradiação de bellesa e alegria.

Alvaro Rodrigues ouvira distinctamente chamar: «Izabel! Izabel!» Era pois esse o nome da filha mais velha de mestre Diogo e, coincidencia agradavel! era esse também o nome da mãe de Alvaro.

O olhar de Izabel não foi menos expressivo de viva sympathia, e de radiosa esperança do que na vespera. Emquanto Alvaro passava, o olhar da filha mais velha de mestre Diogo seguiu-o ao longo da rua, e elle, por sua parte, muitas vezes parou para vél-a até que o vulto d'ella se esfumou gradualmente na penumbra que precede a noite.

Que aquella mulher se lhe offerecia para amal-o, não o po-

dia duvidar.

A irmă mais nova, cujo nome ignorava ainda, estava de proposito á janella para chamar Izabel quando elle passasse.

Via-se pois que lzabel o esperava, certa de que lhe havia inspirado um sentimento igual ao que elle lhe inspirara. Não se haviam fallado, e esperavam-se! Que melhor prova de que se amavam!

A musica de todos estes pensamentos enchia a alma de Alvaro Rodrigues quando entrou em casa. Cantavam lhe esperanças no coração namorado. A mãe havia pregado a agulha na almofadinha, e tinha-se deixado ficar scismando embebida em pensamentos tristes. O amor d'uma mulher desconhecida ia roubar-lite a companhia do filho, como o punhal do conde de Pa-Iliaes lhe havia roubado a vida do amante. Sentia-se só, muito só, e o futuro acobardava-a com o presentimento de um vago terror. Seria da hora, queria ás vezes parecer-lhe que todos esses pensamentos tristes fossem inspirados pela melancolia d'aquella hora, e n que a luz do sol expira solemnemente na longa agonia crepuscular da tarde... Mas viria de mais remota causa a sua tristeza? D'essa origem inexplicavel que teem os presentimentos? Estaria ella ainda, pobre mulher, reservada para novas angustias, como se já não bastassem as que tinha soffrido outr'ora, e cuja recordação sangrava ainda no intimo do seu peito? Sentia á roda de si uma solidão maior e mais luctuosa do que a das longas horas que n'outro tempo passára com o filho pequeno sentado nos joelhos, encostada ao coração a cabeça d'elle...

N'isto chegara Alvaro Rodrigues.

Vinha alegre das ultimas impressões que lhe dera a filha mais velha de mestre Diogo. Mas a tristeza em que encontrára a mãe contrariou-o; accordou-lhe a revoada dos pensamentos tristes, que as vagas informações colhidas na officina haviam suscitado.

Tudo contou Alvaro Rodrigues á mãe, tudo, desde o seu encontro com o creado de D. João Tello, até ao que na officina ou-

vira dizer ao companheiro.

Recordou a scena da janella, como ouvira a filha mais nova do espadeiro chamar «Izabel! Izabel!» e como esse nome lhe parecera de bom agouro, por ser o de sua mãe. Mas sobresaltava-o a concorrencia de outro homem ao coração d'aquella mulher, figurava-se-lhe que a sua vida ia ser no futuro uma lucta horrivel de amor e de ciume, e lastimava-se de que a sua estreia amorosa não houvesse podido ser desanuveada de nuvens negras.

A mãe sorrira tristemente.

—Sem nuvens negras — dissera ella — querias tu o amor! Pobre creança que tu és! Já te não quero pedir que ponhas os olhos no triste espelho de toda a minha vida, mas uma só recordação do passado invocarei. Quando nós eramos em Avinhão com teu pae, havia um poeta que elle costumava lêr de preferencia, porque a tristeza dos seus versos se casava á tristeza de teu pae e do seu exilio n'aquelle logar. Era Petrarcha; um poeta do amor, que teu pae sabia de cor, e que eu com elle aprendi a repetir. Lembro-me ainda hoje de muitos pensamentos de Petrarcha, mas um d'elles pinta bem o amor,—como quem sabia o que era amar—, quando diz que as promessas do amor são incertas, certas as suas dores, e tão duvidosas como os seus votos, as suas esperanças.

Izabel, a filha mais velha do espadeiro, entregava-se aos arroubos do amor com a alegria da ave que palpita de doce commoção ao primeiro rosicler da aurora. Uma luz, extranha e nova, passava atravez da sua alma doirando-lh'a de vagas esperanças, enchendo-lh'a de canticos e perfumes inebriantes. Tanto maior era a delicia que experimentava, quanto era grande a repugnancia com que tinha visto accentuar-se de dia para dia, no espirito do pai, a ideia de casal-a com um homem que lhe não inspirava senão indifferença.

Esse homem era aquelle mesmo que na festa da Assumpção acompanhára, na rua da Prata, a familia de mestre Diogo.

Alto e pallido, posto que magro, não seria despiciendo aos olhos de outra mulher, a quem não houvesse sido indicado pela vontade paterna. Mas o coração não nasceu fadado para escravo de auctoridade alheia; ama a liberdade dos seus impulsos, como a aguia ama a liberdade das suas azas. A alma da filha primogenita do espadeiro não esperava senão o momento em que echoasse dentro de si mesma o protesto solemne contra a tyrannia affectuosa do pai, que lhe queria impôr marido. Esse momento chegára: fora aquelle em que os seus olhos encontraram, guiados por mysterioso magnetismo, os do bastardo de Fernão da Silveira.

O moço que mestre Diogo julgava um bom partido para sua filha Izabel era Miguel Vallejo, filho de André Vallejo, requeijei-

ro da casa da rainha D. Maria.

No paço da Ribeira as pingues gorgetas engrossavam lucrativamente os ordenados estabelecidos no livro das moradias. André Vallejo estava bem de meios, era conceituado entre os serviçaes menores do paço e, a titulo de seu ajudante, obtivera a collocação do filho, que no longo rol dos moradores da casa real vem indicado com a designação impessoal de *um moço*, auxiliar do requeijeiro.

De mais a mais, comquanto filho de castelhano, André Vallejo era beirão, havia nascido na serra da Estrella, e os beirões gozavam no seculo XV da fama de trabalhadores e conomicos.

Antonio Prestes diz, n'um dos seus autos:

Tenho a Beira por discreta, Não curam de mais contenda Senão de adubar fazenda.

O pai de André Vallejo, contrastado da fortuna, passára de Ciudad Rodrigo á Guarda e da Guarda á serra da Estrella, onde se offerecera como trabalhador assalariado. Tendo ganho creditos de homem honesto, n'um tempo em que os castelhanos eram aos cardumes em Portugal, fóra durante alguns annos contratado, nas grandes levas de ratinhos, para as ceifas do Alemtejo. Casára com uma serrana do Herminio e d'ella houvera o filho, que recebera o nome de Miguel. Como ceifeiro, era estimado dos companheiros, castelhanos e portuguezes. Vivia para o trabalho, amealhando economias, como todos os ratinhos,—esse typo do trabalho alegre e soffredor tão explorado, posto que quasi sempre louvado, pela veia comica dos escriptores quinhentistas.

Gil Vicente, na tragedia pastoril da Serra da Estrella, poe

na bocca de um personagem esta referencia:

Muitos ratinhos vão lá De cá da serra a ganhar E lá os vemos cantar E bailar bem como cá

E Antonio Prestes, no auto da Ave Maria, faz dizer a um ratinho:

Meu dinheirinho, que eu Ganhei por tanta invernada Comtanta fome escoimada; Bom sizo seria o meu Gastar de vós nem talhada.

Nos autos do Chiado ha tambem varias allusõas aos ratinhos, que plenamente confirmam a popularidade d'esse typo lendario, ainda hoje sobrevivente.

Vallejo era jovial e folgazão. Os companheiros gostavam de ouvil-o cantar, durante o trabalho, as canções de Herminio:



#### Mançanas d'ouro m'envia, Garrido amor.

Fóra na serra da Estrella que o castelhano Vallejo aprendera a arte de requeijeiro, que muitas vezes acumulava com o trabalho das ceifas. Lá diz a Serra, na tragedia pastoril de Gil Vicente:

> Que tal leite como o meu Não n'o ha em Portugal; Que tenho tanto e tal, E tão fino Deus m'o deu, Que é manteiga, e não al.

Como se sabe, a primeira mulher de D. Manuel era castelliana, e viuva do mallogrado principe D. Affonso. Tratando de organisar a sua casa como rainha, admittiu muitos castellianos ao serviço do paço. Para a queijaria quiz o acaso que viesse como perito o castelliano Vallejo, que, alem de a nacionalidade o recommendar, tinha aprendido o fabrico na serra da Estrella, a melhor escola pratica dos requeijeiros. A mulher trocou o Herminio pela corte, e dizia-se na mesa real de D. Manuel que não havia mãos tão de geito, como as dos esposos Vallejos, para fabricar queijos da serra da Estrella ou do Alemtejo.

Succedeu-lhe na profissão o filho André Vallejo, quando já D. Manuel havia passado a segundas nupcias com a rainha D. Maria e quando o proprio requeijeiro, successor do pai, já ti-

nho um filho.

O logar era rendoso, e o ratinho castelhano havia deixado um bom pé de meia. Por isso mestre Diogo de Santarem reputava Miguel Vallejo um optimo casamento para sua filha Izabel, n'uma epocha em que qualquer mancebinho rapelho, fidalgo ou official mecanico, não fazia mais do que officio de rascão, em vida murciana de passeios, como diz Antonio Prestes.

O moço Vallejo queria muito d'alma á filha do espadeiro, zelava-a como namorado fogoso, e não se enganára Alvaro Rodrigues notando a insistencia com que elle seguia os olhares de

Izabel.

Foi o tempo que desvendou todos estes mysterios ao bastardo de Fernão da Silveira, que tinha horas de suave contentamento amoroso alternadas com outras de amargos presentimentos. Mas todo o amor era assim; dissera-lh'o sua propria mãe, que evocára o voto auctorisado de Petrarcha. Todo o amor era um mixo de sombras e luz; incertas todas as promessas do amor, certas as suas dores, como sentenciára o platonico amante de Laura.

A filha mais nova de mestre Diogo Gonçalves, mocinha entre quinze e dezeseis annos, fôra o anjo protector dos amores da irmã com o lavrante. Era ella que á hora da Trindade, quando se pregava a agulha na almofadinha, esperava á janella que Alvaro Rodrigues passasse, para chamar a irmã, e para fazer signal ao lavrante de que n'essa noite Izabel lhe daria carta,

que a dedicada emissaria deixaria cabir á rua.

Alvaro Rodrigues entrára n'um periodo psychologico em que todo o coração namorado precisa um confidente. Izabel Gonçalves tinha-o na irmă, a pequena Elvira. Elle tinha sua mãe, a quem desde logo revelára, como sabemos, a historia do encontro com a bella desconhecida do dia da Assumpção. Mas affligia-o que a mãe recebesse sempre com olhos enublados de lagrimas as suas confidencias. Pobre mulher! ella conhecia bem o amor, e temia-o. Alvaro Rodrigues principiou a sentir a necessidade de encontrar um coração que se abrisse menos dolorosamente ás suas confidencias, e esse coração deparara-lh'o o acaso. Affonso Ribeiro, criado de D. Joao Tello, ia muitas vezes á loja do espadeiro levar armas de seu amo para corrigir. Fóra elle a primeira pessoa que lhe dera informações da familia de mestre Diogo, no encoctro casual que tiveram junto ao beco da Bocca Negra. Uma vez Affonso Ribeiro chegára já tarde, com recado de D. João Tello, ao largo do Painel do Anjo. A loja estava fechada, e Izabel Gonçalves olhava da janella para o lavrante que passava na rua. Affonso Ribeiro tirou pelos domingos os dias santos. Lembrou, fallando a Alvaro Rodrigues, o seu primairo encontro n'aquello mesmo sitio, e o apaixonado ourives,

## AS ESTRELLAS

No tempo em que eu era pastor, passava ás vezes semanasinteiras sem ver viv'alma. Por companheiros tinha apenas o meu fiel Ligeiro, um famoso cão de fila, e o meu rebanho. Pela serra apenas atravessava de longe em longe o ermitão da Sr.ª da Annunciada e quando muito algum carvoeiro, gente branca que nem fallar sabem, à força de viverem n'aquellas solidões, sem lhes importar o que se passa lá ao longe, nas cidades e aldeias; por isso, quando ao cabo de seisdias ouvia na encosta da serra os cascaveis da mula da herdade, que me trazia as provisões da semana, e lobrigava ao longe a figura do Miarro, o ajudado roupeiro, e o lenço de estambre amarello da Michaella, mocetona desenxovalhada, companheira do apeirador, sentia entrar em mim uma alma nova! Obrigava-a então a contar-me palavra por palavra o que tinha succedido pela aldeia: baptisados, casamentos, enterros... mas o que acima de tudo me interessava, era saber o que era feito da filha dos meus patrões, Alda, a creatura mais linda que o sol cobria em dez leguas em redor! Sem o dar a conhecer, ia-me informando de tudo: se ella ia ás festas, e aos bailes; se andava alegre ou triste, ou se já tinha o seu conversado... Eu andava ao corrente de tudo o que lhe dizia respeito. Aos que me perguntassem o que tinha eu com isso, eu, que não passava de um misero pastor, responderia que tinha vinte annos e que Alda era o anjo mais formoso que em dias de minha vida tinha visto!

N'um domingo, as provisões para a semanajá iam tardando; «a demora é talvez por causa da missa», dizia eu commigo. Pela volta do meio dia rebentou uma trovoada de pôr medo. Eu cuidei, não sem motivo, que teriam receiado metter-se ao caminho por estar tudo alagado; porém ali pelas tres horas, quando o céu começava já a limpar e as gotas d'agua a luzir com o sol, distingui por entre o rumor do gotejar das folhas e o sussuro dos regatos que iam á flux, o soido dos cascaveis da mula, argentino, agudo e alegre como o repicar longiquo dos sinos em dia de festa. N'esse dia não eram o Ligeiro e o Miarro que acompanhavam a mula; era... quem havia de ser!... Alda, ella mesma em pessoa, cavalgando a mula, sentada muito direita entre os dois cestos de vime, vermelha como uma papoula, com o ar do campo, que soprava aspero, refreseado pela chuva.

O Miarro tinha adoecido e a Michaella tinha pedido licença para ir ver uns parentes; assim m'o disse Alda ao apeiar-se da mula; e tambem que chegára tão tarde por se ter perdido no caminho. Como vinha bella!... Trajava saia de côr grave; um corpete de velludo negro com uma romeira de rendas; e, enastradas nos cabellos, umas rosas de toucar. Tão formosa e gentil vinha, assim vestida, que mais parecera que a tardança proviera de se haver demorado em algum baile, do que por que tivera de atravessar por quelbas e azinhagas.

ra de atravessar por quelhas e azinhagas. Que formosura de anjo, meu Deus! Verdade seja, eu nunca a tinha visto de tão perto. No inverno, quando eu descia com o

rebanho a chapada da serra e entrava á noite na herdade para ceiar, uma ou outra vez a vi atravessar o casarão onde comiamos, mas era sempre tão de corrida que nem sequer dava o Deus te salve aos ganhões, sempre muito bem vestida, e tambem um poucochinho soberba. Agora ali a tinha, diante de mim,

só de mim!... Era para um homem perder a cabeça!...
Depois de saccar de dentro do cesto as provisões, entrou de

examinar tudo o que via em roda de si.

Erguendo alto a saia para entrar na minha choça, quiz examinar o recanto onde eu dormia e mirou e esquadrinhou tudo: a cama de colmo com a pelle de carneiro; os ceifões; as polainas; a minha grande capa pendurada na parede; o cajado; a espingarda... nada escapou emfim! foi um divertimento!

-Então é aqui que tu dormes, meu pobre André? Coitado! deves passar uma vida muito aborrecida! Em que matas o tem-

po? Que fazes? Em que pensas?

Ah que vontade senti de responder-lhe «em si, minha senhora!» e palavra que não mentia; mas tão grande era o meu enleio que nem uma palavra encontrei para lhe responder. Creio que ella percebeu perfeitamente o meu embaraço, que nclinada para traz, prestes a desapparecer para melhor dar á sua visita o caracter de uma apparição...

—Adeus, André.—Adeus, minh'ama.

E ella ahi se parte com os cestos vasios."

Ao desapparecer no trilho da encosta, parecia-me que os seixos rolando sob as patas da muar, me caiam um a um sobre o coração. Por largo espaço os ouvi, e até sumir-se o dia, confesso que figuei como estantendo.

fesso que liquei como estonteado.

Ao cahir da noite, quando o fundo dos vales começa de azular-se e as ovelhas a balar e a chegarem-se umas ás outras para se acolherem ao bardo, ouvi que da encosta alguem me me chamava; olho e vejo Alda, não já risonha como antes, mas tremendo de frio e de susto e toda encharcada!

Ao fundo da encosta, o ribeiro tinha engrossado com a chuva e ella, tentando á força atravessal-o, havia cahido na agua em

risco de se affogar.

O peior era que atal hora nem podia pensar em voltar para a herdade, por que pelo atalho não atinava com o caminho e eu

não podia largar o rebanho para lh'o ensinar.

A ideia de passar uma noite na charneca atormentava-a, principalmente pelo cuidado em que ficaria a familia. Eu tranquillisava-a como podia:

-Deixe lá: no verão, uma noite passa depressa; é um bo-

cado mal passado, e d'ahi?...

Accendi um bom lume para ella enxugar os pés e o vestido, que estava como uma sopa, trouxe-lhe uma alentada málga de leite, pão e metade de um queijo, mas ella não cuidava de enxugar-se, nem queria comer, e desatou a chorar. Eu, vendo-a as-

sim tão mortificada, entrei de chorar tambem.

N'este entanto fora-se a noite cerrando. Na crista da serra mal se via uma claridade frouxa, um como pó luminoso do lado do poente. Instei com ella para que entrasse na minha cabana; estendi sobre uns feixes de palha cortada de fresco, uma pelle, dei-lhe as boas noites e fui-me sentar do lado de fóra, defronte da porta. Deus é testemunha de que, apesar da anciedade que me queimava o sangue, nem um só mau pensamento me vocjou pela mente. O que unicamente sentia era o orgulho immenso de que, visinha do rebanho que a contemplava com estranheza, outra ovelha mais preciosa e mais alva que nenhuma, ali repousava confiada á minha guarda.

Nunca o ceu me parecera tão vasto, nem as estrellas tão brilhantes!... De repente vejo abrir-se a porta e apparecer Alda. A pobre creança não tinha podido adormecer com a bulha dos animaes e preferira vir sentar-se ao pé do lume. Ao vel-a, lancei-lhe sobre os hombros a minha pelle de merino, aticei o lume e ficámos sentados um junto do outro, sem dizermos palavra!...

Se algum de vós, leitores, já passou uma noite ao relento, na charneca, deve saber que n'essa hora, em quanto os homens repousam, desperta em meio da solidão e do silencio um mundo

mysterioso.

O murmurar das fontes é mais sonoro, mais claro e melancholico; da superficie das aguas irrompem scintillações fugazes; os espiritos da montanha voejam então mais livremente; tem o ar cicios mais brandos, ruidos quasi imperceptiveis, como se ouviramos os ramos das arvores estalarem e crescerem e a relya crepitar rebentando da terra...

O dia é a vida dos animaes; a noite a vida das cousas. A quem não está habituado á solidão, tudo isto causa uma especie de terror; por isso a pobre creança estava atemorisada, estremecendo a cada momento e agarrando-se a mim ao menor ruido

que sentia...

N'isto ouviu-se o longo pio d'uma ave, como um gemido plangente, que partia da lagóa cujas aguas tremeluziam ao fundo da encosta, ao mesmo passo que uma estrella cadente fendia os espaços por sobre as nossas cabeças. Dir-se-hia que aquelle gemido angustioso vinha acompanhado d'essa luz do ceu

—Que foi isto? perguntou-me Alda muito baixinho.

g sim meninal ... Mas que

-Foi uma alma que entrou no paraizo, menina; e fiz o signal da cruz.

Ella persignou-se tambem e ficou-se extatica um momento,

fitando o ceu, enlevada.

Pessados instantes, voltando-se para mim, perguatou-me;

encostada á mão, embuçada na pelle alvissima do merino. Quem não a dissera uma pastorinha do ceu!...

—Tanta estrella, meu Deus!... e todas tão lindas!... Eu nunca tinha visto tanta estrella!... E tu, André, sabes-lhes os nomes?

—Então não havia de saber, menina!... Olhe: por cima das nossas cabeças corre a Estrada de S. Thiago (Via lactea); atravessa Portugal, Hespanha e França. Foi S. Thiago de Galliza que talhou esta estrada para mostrar o caminho ao valente Carlos Magno quando andava em guerra com os sarracenos.

Além se avista o Carro das Almas, (Ursa maior) com os eixos reluzentes das suas rodas! As tres estrellas que vão na frente são os Animaes, e a outra, a mais pequenina, que está contra a terceira, é o carreiro. Não vê agora, de roda, aquelle chuveiro de estrellas? são as almas que Deus não quer para si!...

Cá mais para baixo, além, temos a Foive, ou os Tres reis, como quizer (Orion). E' o relogio de nos outros, os pastores. Basta olhar para ella para eu saber logo quantas horas são. Olhe:

vae passada a meia noite...

—Um pouco cá para baixo, para a banda do Sul, lá está a luzir o João de Milão (Sirius); é o que allumia os outros astros; é o archote do ceu. Eu lhe conto o que nos, os pastores, sabemos a respeito d'esta estrella. Parece que certa noite o João de Milão mais os tres reis e as sete irmãs (Pleiades) foram convidados para as bodas d'uma estrella sua amiga; as Sete irmās, como mais apressadas, foram as primeiras a partir e tomaram pelo caminho mais de cima, lá no ceu alto; os Tres reis, esses, cortaram cá mais por baixo, mas ainda assim conseguiram apanhal-as: mas o preguiçoso do João de Milão, que dormira até mais tarde, ficou para traz. Furioso e querendo detel-as, atiroulhes com o cajado, e ahi tem a menina por que os Tres reis se chamam tambem o Cajado. Mas a mais linda, a rainha de todas, é a nossa: a Estrella do pastor (Venus), que de madrugada nos allumia quando marchamos para a serra com o rebanho e tambem quando à noite recolhemos. E' um fadario correr perpetuamente atraz do Pedro féro (Saturno), com quem se esposa de sete em sete annes...

-Pois que? as estrellas tambem se casam?

—Então não casam, menina!... Pois pensa que no ceu não ha também amores e que as estrellas, como nós, os homens... Quando assim começava a explicar-lhe como as estrellas se amavam e casavam, senti uma coisa gelada e macia roçar-me pelo rosto: era a sua formosa cabeça que ella, esvaida pelo turpor, deixára pender e repousára no meu hombro... Eu sentia, n'um deliquio de prazer, roçarem-me pelo rosto a gargantilha de rendas perfumadas, as fitas de seda, e o contacto suavissimo dos seus cabellos assetinados... e aspirava o aroma das rosas que os toucavam...

Pendeu a cabeça e assim ficou, immovel, até que a luz das estrellas começou de empallidecer, vencida pelos alvores da ma-

nhã que despontava...

Eu não podia despregar os olhos d'aquelle semblante angelico, assim meigamente adormecido, sem uma vaga agitação no fundo da alma, protegido pelo pio silencio d'essa formosa noite de estio!... Outra cousa me não inspirava que não fossem os mais castos ensamentos...

Por sobre nós, a essa hora, na região sem limites do ceu, as estrellas iam seu caminho, doceis como deve de ser o immenso rebanho guiado por Deus! .. E pensava, e no fundo da alma cria que uma d'essas estrellas, porventura a mais formosa, a mais esplendente de todas, viera, transviada, adormecer castamente no meu seio!...

(Trad.)

VIDIGAL SALGADO.

# AS NOSSAS GRAVURAS

ROMULO ASSASSINANDO DEM



MORTE DE CAIO GRACCHO (Episodio da «Historia Romana»)

Rhéa, como verdadeira mulher que era, não poude soffrer a contrariedade, e tempos depois deu á luz dois gemeos, que declarou serem filhos do deus Marte.

Imputava á divindade pagā as gentilesas dos homens!

Amulio respondeu a este protesto feminil com outro protesto não menos energico, mandando lançar os dois irmãos gemeos n'uma das margens do Tibre, onde Faustulo, intendente dos pastores do rei, os encontrou, e os fez amamentar por Laurentia, que havia alcançado o sobrenome de Lóba, por causa da sua lubricidade.

Os dois irmãos, logo que chegaram ao estado de homens, acercaram-se de salteadores e mataram Amulio, restabelecendo

Numitor no reino de Alba.

Romulo fundou depois a cidade de Roma, pelos annos 753 antes de Christo, marcando o seu recinto por um sulco de charruas e matando seu irmão Remo, que se atreveu a franqueal-o para o escarnecer.

Faltando o bello sexo no seu novo reino, Romulo, que não era muito cortez para com a responsabilidade *moral*, celebrou uma festa e durante ella roubou as mulheres dos Sabinos, que

tinham accorrido ao seu convite.

Os maridos despeitados, pegaram em armas para vingarem o insulto, mas como verdadeiros maridos, tiveram de pedir a paz,

e tudo entrou na devida ordem.

O roubador das Sabinas estabeleceu em seguida um senado, decretou algumas leis que mereceram a approvação geral e desappareceu na occasião em que passava uma revista ás suas tropas junto de Caprea, durante uma tempestade, não dizendo a historia se elle morreu ferido de algum raio, se assassinado pelos senadores que começavam a receiar o seu poderio, ou se, tinalmente, em resultado do furór de alguma Sabina despeitada, a quem elle tivesse abandonado.

#### MIGUEL MARTINS DANTAS

E' o nosso actual ministro em Loadres, onde tem representado Portugal como poucos serão capazes de represental o lá fora.

Miguel Martins Dantas, com quanto não esteja muito adiantado em annos, é, comtudo, um antigo servidor do Estado. Data de 1841 a sua primeira nomeação, e desde então passou por todos os graus da carreira que encetára. Tendo servido como addido de legação na Haia, em Turim e Vienna, foi promovido em 1848 a secretario da legação em Madrid, e mais tarde em Paris, onde exerceu este ultimo cargo até 1866, epoca em que foi nomeado chefe do gabinete do ministro dos negocios estrangeiros, e em seguida ministro de Portugal nos Estados-Unidos da America.

A aptidão de que o sr. Dantas deu provas nos primeiros annos da sua carreira, exercendo interinamente, por largo espago, as funcções de encarregado de negocios, não se desmentiu nos elevados cargos que depois tem servido. Transferido dos Estados-Unidos para a Belgica e d'ali para Madrid, acompanhou em quasi a sua totalidade as diversas phases da revolução hespanhola, representando Portugal com acerto e prudencia. Ultimamente em Londres soube merecer a confiança dos governos que se teem succedido.

Não deixou o sr. Dantas, nos ocios da sua vida diplomatica, de cultivar as bellas lettras, e a isso deve o honroso titulo de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Publicou em tempo um livro com o titulo de Les faux Don Sebustien, que é uma curiosa investigação d'uma dolorosa epoca para o nosso paiz, acompanhada de mui sensatas considerações reveladoras d'um alcance de vista que muito honra o es-

criptor.

Miguel Martins Dantas fez parte, em 1881, do gabinete presidido por Antonio Rodriges Sampaio, encarregando-se da gerencia da pasta dos negocios estrangeiros, mas a sua passagem pelo governo foi de curta duração.

#### BRINDE DO «ATREVIDO NA CORTE»

(Do Maestro Caballero)

en la copa el licor, la sonriza en los labios y en el pecho el amor.

Eso voy a hacer, primero a brindar y luego a beber!

Por tus triunfos amantes, Brindo, Tenienta, que los triunfos teatrales no entram en cuenta. Dicen tus ojos que son tantos los unos como los outros.

Dame, niña tu copa, que quiero brindar por la luz que en tus ojos se mira brillar. Si en tu pecho se esconde el infame rapaz, guárdale, guárdale, guárdale, no nos vaya á matar. Ay! ya miro nacer en mi pecho clamor; no se puede querer más aprisa y mejor.

#### MORTE DE CAIO GRACCHO

(Episodio da Historia Romana)

A nossa gravura representa a morte do celebre tribuno romano, Caio Graccho.

Conforme é sabido, Graccho foi morto pelo seu escravo n'um pequeno bosque consagrado ás Furias. Opimio tinha promettido pagar a sua cabeça a peso de ouro. O assassino de Graccho, depois de lhe ter cortado a cabeça, vasou dentro d'esta chumbo derretido, para que pezasse mais.

A eloquencia de Caio Graccho, energica e vehemente, foi

muito exaltada pelos antigos, e sobretudo por Cicero.

#### URNA DE MARMORE

A estampa que damos hoje é uma preciosa urna, delicadamente esculpida em marmore e que serviu de modelo a um artista mudo, o sr. Raphael Pimenta, para um estudo de gravura, arte que elle cultiva com o esmero de que dá testemunho o seu excellente trabalho.

A correcção do desenho, a finura do traço e o magnifico relevo que se observam n'esta magnifica gravura, são a melhor demonstração do talento do artista. A graça d'aquelle grupo de creanças, a transparencia d'aquellas uvas, a delicadeza d'aquelles ornatos, denotam rara habilidade, e tanto mais para admirar, n'um gravador, que sem ouvir nem fallar, aprendeu a dirigir o buril sem outras revellações que as do seu natural instincto.

#### EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

A menina Marianne,

A musica que hoje dames é o brinde do 2.º acto da bonita torzanla do mantro Cabelloro. O Almenido un Cirie one em P'r entre muita interjeição—2 Contra a fidalga fallou; Largamente a insultou, Que tal era a escamação!

A esperta Dona Luiza, Os motivos não pesquiza D'aquella guerra matreira; Um peixe manda buscar, Co'o qual, diz, as vae calar, Pois conhece-as de ginjeira!

Do tal peixinho com arte Duas bellas postas parte, (Fazenda e Obras, presuma!) E ao seu palacio, acontece, Que as chama, e lhes offerece—1 l'ma posta a cada uma.

—Postas jamais se regeitam!— Mui humildes as acceitam, Pois de pança a questão era; Safa! isto é que é gente gaja!

Sem postas, não quero que haja Reconciliação Sincera!...

MATHEUS JUNIOR.

A's direitas e ás avessas povoação de França -2. A's direitas e ás avessas cidade da Asia-2.

Evora.

AMERICO V. VILHALVA.

#### LOGOGRIPHO

(Retribuição ao insigne charadista de Santa Comba Dão, ANTONIO D. S. FRANCO)

E' região Africana.—1, 8, 4, 9, 11, 9, 6, 8. Da Africa é um habitante.—1, 11—4, 9, 5. Zela os bens de minha mana—4, 5, 6, 7, 2, 9. E d'uma prima galante—9, 10, 7, 8.

E' ao corpo essencial,—1, 8, 9, 11. Embora tosca ou bonita;—4, 5, 6, 8. Tambem nota musical—9, 5. Cantada pela *Rozita*—11, 9, 6, 8.

Se ás vezes corre, ligeiro—9, 10, 2. Prenuncia tempestade;—5, 2, 2. Voz em grita; é un morteiro!—7, 10, 9, 2. Deus do céu!... Calamidade!—9, 8, 6, 2.

> Ovos, puddings, leite crême, Pasteis de nata e licôr; O conceito não é extrême, Consta de tudo, um primor.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

#### ENIGMA

Oito lettras tem o todo, Quatro d'ellas consoantes; Fiquem, pois, todos sabendo Que são vogaes as restantes.

Egual á quarta é a sexta, Quinta egual á primeira; Estas diff'rentes d'aquellas (Não cuidem ser brincadeira.)

São eguaes segunda e oitava, Tercia e sete, eguaes são; E uma ave brazileira Nó meu todo encontrarão!...

Santa Comba Dão

ANTONIO D. S. FRANCO.

## ... UM CONSELHO POR SEMANA

#### IPECACUANHA

Este medicamento emprega-se sobre tudo como vomitorio. As dóses variam segundo a edade. A ipecacuanha combate os effeitos do opio e pode servir de antidoto em caso de envenenamento por meio d'esse narcotico. Reciprocamente, o opio destroe os effeitos da ipecacuanha.

#### A RIR

Um bebado cae de um terceiro andar á rua. Soccorrem-n'o, e, encontrando-o um pouco aturdido mas não ferido, dão-lhe um copo com agua, para que volte a si.

Elle, altivamente:

- Agua?! Então de que andar é preciso cair para merecer um copo de vinho?!

-lsto de telegrapho parece cousa do diabo!

-- Vocé é de bom tempo...

-Pois então...

-Pois então nada mais facil: toca-se n'uma extremidade do arame e apparece logo escripto na outra o que a gente quer!...

-Pois é isso que me faz confusão... como diabo...

—Olhe, não tem nada que saber. Aquillo é como um gato; a gente aperta-o atraz, na cauda, e elle mia na frente, co a bocca.

Um discipulo pergunta ao professor qual o nome dos habitantes dos polos.

-Polacos! responde o professor.

## A DAMA SOLITARIA

#### (Catulle Mendés)

Alta, pallida e magra, e tão formosa como os seus profundos olhos d'oiro escuro, fixos, quasi assustadores, semelhantes aos olhos d'uma resuscitada, atravessou, sosinha, o luxo e as alegrias da vida parisiense; o comprimento glacial do seu vestido negro era uma passagem de luto nas festas. Sem marido nem amante, nem mesmo uma amiga cuja ternura encanta o coração sem o consolar, como o fructo engana a sêde.

Entretanto, uma vida intensa incessantemente a devorava, visivel nos seus olhos concavos, onde duas brazas ferozes não cessavam de luzir, ateando-se cada vez mais, até se consumirem. Como as Cleopatras e as Faustinas, luxuosas dominadoras dos homens e das mulheres, considerava no turbilhão das valsas os vestidos pretos e os hombros nus com uma ardente vontade de posse.

Nem um gesto que permittise approximar, nem uma palavra que auctorisasse uma palavra terna; e desdenhosa, com a ironia nos labios, fechando um pouco os olhos como se estivessem occupados a realisar umas visões, olhava sempre, sob o veu das sobrancelhas, o annel que caprichosamente trazia por qualquer symbolo na mão direita, comprida, macia e pallida.

Era um simples annel de casamento, d'ouro massiço, onde

brilhava um rubi.

A que esposo estaria ligada? De que nupcial desejo seria victima? Ninguem o soube, a não ser eu, e d'ora avante ninguem o descobrire; equelles que a poseram na sepulture, leva-

Ш

canto da sala. Immovel, indifferente, contemplava a scena. Entre o clarão vermelho ou azul das luzes electricas e os sons ruidosos da orchestra, o bailado saccudia o algodão dos maillots, que fazem pregas e os andrajos de carne dos peitos opprimidos; pernas desconchavadas no turbilhão das viravoltas; braços tumultuosos, onde o pó d'arróz corre em suor; bocas muito vermelhas, que se abrem n'um sorriso tolo; espartilhos bailando na festa final, de todas essas mulheres emfim, pesedas e gordas, distillavam um cheiro de pintura grosseira, que, dilatando-se, invadia a sala e embriagava toda a multidão

d'um cheiro nauseabundo. Ali, tambem os atbletas, soberbos em bestial virilidade, engaltinhavam-se, sob os pulsos fortes; hercules, inchando o peito e fazendo esquichar os musculos do pescoço, levantavam pesos enormes, ou trabalhavam com balas de canhão; e gymnastas semelhantes aos jovens deuses, agarrados ás barras fixas, ou suspensos em incertos trapezios, desenvolviam, harmoniosamente, nas rapidas curvas, os seus membros finos e fortes. Resoavam, pelasala, applausos freneticos. Ella, solitaria, a um canto, continuava impassivel e altiva. Nem sequer um estremecimento na sua mão esquerda encostada á borda da frisa. Apenas os seus olhos se ateavam mais, nas concavidades, jorrando atravez do veu como duas settas d'oiro! Um impertinente que se inclinassepara olhar para o interior da frisa, veria na penumbra, como uma perola de sangue em chammas, o unico rubi do annel entre a seda do vestido escuro e os movimentos da renda pallida.

П

No verão, vivia só,—só, como sempre, -no castello que mandara edificar na costa normanda. De manhã, quando o sol é suave, vinha estender-se, alta e tão magra, com o seu fato de banho, na areia fluida onde o mar, subindo, a cobria por instantes d'uma caricia d'agua verde e de leves sargaços. Não longe d'ella, deante da fila das barracas, as banhistas que Grévin despe andavam para cá e para lá, soltando gargalhadas, molhando na escuma das vagas de marmore fresco as suas pernas nuas; menos atrevidas, - outras corriam velozes pela areia, abandonando só o penteador d'oleado quando mergulhavam; mas, sob a onda atravessada pela luz do dia, a flanella e os calções, muitas vezes transparentes e applican-

do-se bem aos torneados do corpo, modelavam-lhes o singular contorno, apezar do pudor de duas mãos cruzadas sobre o peito; e quando sahiam do mar com o cabello pincabdo areas con-

Depois, não tornou a ser vista. Soffreria já, cruelmente, da languidez que devia fazer d'ella uma morta? A realidade das coisas e dos seres não lhe parecia mais digna de fornecer objectos aos seus sonhos? Refugiava-se loucamente nas bellas chimeras das pinturas, das musicas e dos versos. Sob os platanos do parque, entre os calores do meio-dia ou a tepidez da noite, caminhava vagarosamente, fraca, arrastando-se, encostando-se ás arvores, mais extasiada de se recitar a si propria, durante o

amor dos passarinhos nas arvores e os insectos nas hervas, no meio de toda a divina natureza apaixonada, as oarystis apaixonadas onde as donzellas fracamente resistem, e os poemas cheios de nymphas seminuas, que levam bruscamente as satyras. D'outra vez, pedia à musica, que tudo sabe e que nada diz, eterna reticencia da alma e dos sentidos, as delicias perversas d'uma alegria infinda. Passava horas n'um salão onde os quadros sem molduras estavam pendurados, - porque o oiro dos quadros deslumbra e desvia a meditação dos olhos. bello cinzento como um sol visto de noite, offereciam a sua

As Venus do Titan, de caquente nudez; á margem d'um ribeiro, Narciso, pallido, adorava a sua imagem; Ganymédes recebia nos seus braços azues de lua a deusa das noites d'amor. Ao lado das obras-primas, outros quadros libertinos. Viamse as camas das noivas, trémulas já pelas proximas caricias; marquezas sorriam no espelho ao pobre abbade que se extasiava, emquanto que uma creada lbes prendia as ligas a cima dos joelhos; depois, entre estes delicados deboches, pintores modernos deitavam as donzellas sobre sophás em gabinetes reservados; o espartilho negro misturado com os guardanapos entre uma garrafa entornada e um chapeu alto; algumas aguas fortes de Rops allumiavam aum canto o seu cio diabolico. Entretanto, ella, estendida n'uma chaise-tongue entre estes sonhos desenhados ou pintados, amarella, horrorosamente amarella, e tão magra que parecia o cadaver d'uma mulher morta de fome, morria em innefaveis torturas; e, mesmo os seus olhos, extinguiram-se, os seus olhos tão grandes, que pareciam ser todo o rosto, como se lhe tivessem devorado a carne; não tinha nada de vivo, mais nada, só a gota sanguinaria do annel...



URNA DE MARMORE

Annual to the second of the se

E agora, oh pobre mulber! dormes no sepuichro depois do pavor sem agual d'uma abominavel agonis. De que era ten en-